

O Livro de Daniel - Número Cento e Onze

Desvendando o significado profético de Abubakar no primeiro "ai" do Apocalipse

Jeff Pippenger
2024-03-02

Na história profética do primeiro Ai, o líder que sucedeu Maomé foi Abu Bakr Abdullah ibn Abi Quhafa, sogro de Maomé. Passaremos a chamá-lo de Abubakar. Tanto ele quanto Maomé são mencionados nos primeiros quatro versículos. Abubakar foi o primeiro governante islâmico após Maomé, e a história registra uma ordem que ele deu a seus soldados, a qual está representada no versículo quatro de Apocalipse capítulo nove. A ordem representa o processo de selamento que começou com a chegada do terceiro Ai, que também foi a Sétima Trombeta e a chegada do terceiro anjo.

E o quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela cair do céu à terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo. E abriu o poço do abismo; e subiu do poço uma fumaça, como a fumaça de uma grande fornalha; e o sol e o ar escureceram por causa da fumaça do poço. E da fumaça saíram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como os escorpiões da terra têm poder. E foi-lhes ordenado que não danificassem a erva da terra, nem coisa verde alguma, nem árvore alguma; mas somente aqueles homens que não têm o selo de Deus nas suas testas. Apocalipse 9:1-4.

A "estrela" que caiu do céu foi Maomé, que iniciou seu ministério no ano 606. Foi-lhe dada uma "chave" que haveria de "abrir" o "abismo sem fundo", permitindo que a "fumaça" escurecesse o "sol e o ar" e trouxesse à tona "gafanhotos", aos quais foi dado "poder" como o poder dos "escorpiões". A chave foi uma batalha militar que produziu fraqueza na força militar romana, permitindo assim a ascensão da guerra do Islã. O abismo sem fundo é um símbolo da Arábia, o berço do Islã, e a fumaça representava a falsa religião do Islã que haveria de se espalhar pela terra e tomar posse da mesma geografia que seria tomada pelos enxames de gafanhotos que varrem o norte da África, o sul da Europa e a Arábia. Os gafanhotos são um símbolo do Islã, e o poder, profeticamente, representa poder militar. Seu poder haveria de ser como o dos escorpiões, que atacam de modo inesperado. Uriah Smith afirma:

Uma estrela caiu do céu à terra; e foi-lhe dada a chave do poço sem fundo.

Enquanto o monarca persa contemplava as maravilhas de sua arte e poder, recebeu uma epístola de um obscuro cidadão de Meca, convidando-o a reconhecer Maomé como o apóstolo de Deus. Rejeitou o convite e rasgou a epístola. 'É assim,' exclamou o profeta árabe, 'que Deus rasgará o reino e rejeitará a súplica de Chosroes.' Colocado na orla desses dois impérios do Oriente, Maomé observava com secreta alegria o progresso da destruição mútua; e, em meio aos triunfos persas, ousou predizer que, antes que muitos anos se passassem, a vitória voltaria novamente às bandeiras dos romanos. 'Na época em que se diz ter sido proferida essa previsão, nenhuma profecia poderia estar mais distante de seu cumprimento, pois os primeiros doze anos

de Heráclio anunciavam a dissolução iminente do império.' ..

"Chosroes subjugou o domínio romano [na] Ásia e na África. E 'o Império Romano,' naquele período, 'foi reduzido às muralhas de Constantinopla, com o remanescente da Grécia, da Itália e da África, e algumas cidades marítimas, da costa asiática, de Tiro a Trebisonda. A experiência de seis anos acabou por persuadir o monarca persa a renunciar à conquista de Constantinopla e a especificar o tributo anual do resgate do Império Romano, - mil talentos de ouro, mil talentos de prata, mil vestes de seda, mil cavalos e mil virgens. Heráclio anuiu a esses termos ignominiosos. Mas o tempo e o espaço que ele obteve para angariar esses tesouros da pobreza do Oriente foram diligentemente empregados na preparação de um ataque ousado e desesperado."

O rei da Pérsia desprezou o obscuro sarraceno e escarneceu da mensagem do pretense profeta de Meca. Nem mesmo a queda do Império Romano teria aberto caminho para o maometismo, nem para o progresso dos sarracenos, propagadores armados de uma impostura, embora o monarca dos persas e o chagan dos ávaros (o sucessor de Átila) tivessem dividido entre si os restos dos reinos dos Césares. O próprio Chosroes caiu. As monarquias persa e romana exauriram-se mutuamente. E, antes que uma espada fosse colocada nas mãos do falso profeta, ela foi arrancada das mãos daqueles que teriam detido o seu avanço e esmagado o seu poder.

'Desde os tempos de Escipião e Aníbal, nenhuma empresa mais audaciosa foi tentada do que a que Heráclio realizou para a salvação do império. Ele trilhou seu perigoso caminho pelo Mar Negro e pelas montanhas da Armênia, penetrou no coração da Pérsia e chamou de volta os exércitos do grande rei para a defesa de sua pátria ensanguentada.'

"Na batalha de Nínive, que foi travada ferozmente desde o amanhecer até a décima primeira hora, vinte e oito estandartes, além daqueles que pudessem estar quebrados ou rasgados, foram tomados aos Persas; a maior parte do seu exército foi despedaçada, e os vencedores, ocultando as suas próprias perdas, passaram a noite no campo. As cidades e os palácios da Assíria foram abertos pela primeira vez aos Romanos."

O imperador romano não se fortaleceu com as conquistas que realizou; e ao mesmo tempo, e pelos mesmos meios, abriu-se caminho para as multidões de sarracenos vindos da Arábia, como gafanhotos da mesma região, que, propagando em sua marcha a sombria e enganosa doutrina maometana, rapidamente se alastraram por ambos os impérios, o persa e o romano.

"Não se poderia desejar ilustração mais completa desse fato do que a fornecida pelas palavras finais do capítulo de Gibbon, do qual foram tirados os excertos precedentes. 'Embora um exército vitorioso tenha sido formado sob o estandarte de Heráclio, o esforço antinatural parece tê-los exaurido em vez de exercitá-la. Enquanto o imperador triunfava em Constantinopla ou Jerusalém, uma obscura cidade nos confins da Síria foi saqueada pelos sarracenos, e eles destroçaram algumas tropas que avançaram para socorrê-la, uma ocorrência comum e insignificante, não fora o prelúdio de uma poderosa revolução. Esses ladrões eram os apóstolos de Maomé; seu valor frenético emergira do deserto; e, nos últimos oito anos de seu reinado, Heráclio perdeu para os árabes as mesmas províncias que resgatara aos persas.'"

"O espírito de fraude e de entusiasmo, cuja morada não está nos céus,' foi solto na terra. O abismo sem fundo precisava apenas de uma chave para ser aberto, e essa chave foi a queda de Chosroes. Ele havia rasgado com desdém a carta de um obscuro cidadão de Meca. Mas quando, do seu 'clarão de glória', mergulhou na 'torre de trevas' que olho nenhum podia penetrar, o nome de Chosroes havia de passar subitamente ao esquecimento ante o de Maomé; e o crescente parecia apenas aguardar o seu nascer até a queda da estrela. Chosroes, após sua derrota completa e perda do império, foi assassinado no ano 628; e o ano 629 é assinalado pela 'conquista da Arábia' e 'a primeira guerra dos maometanos contra o Império Romano.' 'E o quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela cair do céu sobre a terra; e foi-lhe dada a chave do abismo sem fundo. E ele abriu o abismo sem fundo.' Ele caiu sobre a terra. Quando a força do Império Romano estava exausta, e o grande rei do Oriente jazia morto em sua torre de trevas, o saque de uma obscura cidade nas fronteiras da Síria foi 'o prelúdio de uma poderosa revolução.' 'Os ladrões eram os apóstolos de Maomé, e seu valor frenético emergiu do deserto.'"

O Abismo. - O significado deste termo pode ser conhecido a partir do grego , que é definido como 'profundo, sem fundo, abissal', e pode referir-se a qualquer lugar ermo, desolado e inculto. É aplicado à terra em seu estado original de caos. Gên. 1:2. Neste caso, pode com propriedade referir-se aos ermos desconhecidos do deserto árabe, de cujas fronteiras saíram as hordas de sarracenos como enxames de gafanhotos. E a queda de Cosroes, o rei persa, pode muito bem ser representada como a abertura do abismo, visto que preparou o caminho para que os seguidores de Maomé saíssem de seu obscuro país e propagassem suas doutrinas enganosas com fogo e espada, até que tivessem espalhado suas trevas por todo o Império do Oriente. Uriah Smith, Daniel e Apocalipse, 495-498.

O primeiro ai, que é a quinta trombeta, identifica o início da guerra do Islã contra Roma e identifica uma batalha entre Roma e a Pérsia na qual Roma prevaleceu, mas, ao fazê-lo, consumiu sua força militar a ponto de não conseguir impedir a ascensão do poder islâmico. As características proféticas do primeiro ai e do segundo ai identificam as características proféticas do terceiro ai, e é importante reconhecer os dois primeiros ais como símbolos da história do terceiro ai, pois essa história representa o período do selamento dos cento e quarenta e quatro mil, que começou em 11 de setembro de 2001. Após a história profética representada por Maomé nos três primeiros versículos, o versículo quatro apresenta Abubakar, o primeiro líder depois de Maomé.

E foi-lhes ordenado que não ferissem a erva da terra, nem qualquer coisa verde, nem árvore alguma; mas somente aqueles homens que não têm o selo de Deus nas testas. Apocalipse 9:4.

A ordem de Abubakar instruiu os guerreiros islâmicos a fazer distinção entre dois tipos de fiéis que existiam nos territórios romanos naquela época. Uma classe era a dos católicos, que tinham algumas ordens religiosas que raspavam a parte de trás da cabeça (a tonsura) e observavam o culto no domingo. A outra classe eram observadores do sábado do sétimo dia, e o sábado é o selo de Deus.

Após a morte de Maomé, ele foi sucedido no comando por Abubekr, em 632 d.C., o qual, assim que teve devidamente estabelecidos sua autoridade e seu governo, expediu uma carta

circular às tribos árabes, da qual se segue o seguinte excerto:

Quando combaterdes as batalhas do Senhor, portai-vos como homens, sem voltar as costas; mas não mancheis a vossa vitória com o sangue de mulheres e crianças. Não destruais palmeiras, nem queimeis searas. Não corteis árvores de fruto, nem causeis mal algum ao gado, senão o que matareis para comer. Quando fizerdes qualquer pacto ou acordo, mantende-o, e sede fiéis à vossa palavra. E, ao seguirdes caminho, encontrareis alguns religiosos que vivem retirados em mosteiros e se propõem a servir a Deus dessa maneira; deixai-os, e não os mateis nem destruais os seus mosteiros. E encontrareis outro tipo de pessoas que pertencem à sinagoga de Satanás, que têm coroas rapadas; cuidai de lhes fender os crânios, e não lhes deis quartel até que se tornem maometanos ou paguem tributo.

Não se diz na profecia nem na história que as injunções mais humanas tenham sido obedecidas com a mesma escrupulosidade que o mandato feroz; mas assim lhes foi ordenado. E as anteriores são as únicas instruções registradas por Gibbon, como dadas por Abubekr aos chefes cuja incumbência era emitir as ordens a todas as hostes sarracenas. As ordens são tão discriminativas quanto a predição, como se o próprio califa tivesse agido em obediência, tanto conhecida quanto direta, a um mandato mais elevado do que o de homem mortal; e, no próprio ato de sair para lutar contra a religião de Jesus e de propagar o maometanismo em seu lugar, ele repetiu as palavras que foi predito no Apocalipse de Jesus Cristo que ele diria.

O selo de Deus nas suas testas.—Em observações sobre o capítulo 7:1-3, mostramos que o selo de Deus é o sábado do quarto mandamento; e a história não se cala diante do fato de que tem havido observadores do verdadeiro sábado ao longo de toda a presente dispensação. Mas surgiu aqui, para muitos, a questão: quem eram aqueles homens que, naquela época, tinham o selo de Deus em suas testas e que, por isso, ficaram isentos da opressão maometana? Que o leitor tenha em mente o fato, já aludido, de que, ao longo de toda esta dispensação, houve aqueles que tinham o selo de Deus em suas testas, ou têm sido observadores inteligentes do verdadeiro sábado; e considere ainda que o que a profecia afirma é que os ataques desse poder turco devastador não são dirigidos contra eles, mas contra outra classe. Assim, o assunto fica livre de toda dificuldade; pois isso é tudo o que a profecia realmente afirma. Apenas uma classe de pessoas é diretamente apresentada no texto; a saber, os que não têm o selo de Deus em suas testas; e a preservação dos que têm o selo de Deus é introduzida apenas por implicação. Assim, não aprendemos pela história que algum destes tenha sido atingido por quaisquer das calamidades infligidas pelos sarracenos aos objetos do seu ódio. Eles foram comissionados contra outra classe de homens. E a destruição que havia de sobrevir a essa classe de homens não é colocada em contraste com a preservação de outros homens, mas apenas com a dos frutos e da verdura da terra; assim: Não danifiqueis a erva, as árvores, nem coisa verde alguma, mas apenas uma certa classe de homens. E, em cumprimento, temos o estranho espetáculo de um exército de invasores poupando aquelas coisas que tais exércitos normalmente destroem, a saber, a face e as produções da natureza; e, em conformidade com sua permissão para ferir aqueles homens que não tinham o selo de Deus em suas testas, fendendo os crânios de uma classe de religiosos de coroas raspadas, que pertenciam à sinagoga de Satanás.

Estes eram, sem dúvida, uma classe de monges, ou alguma outra divisão da Igreja Católica Romana. Contra estes foram dirigidas as armas dos maometanos. E parece-nos que há uma adequação peculiar, senão um desígnio, em descrevê-los como aqueles que não tinham o selo de Deus nas frentes; visto que é precisamente essa igreja que despojou a lei de Deus de seu selo, arrancando o verdadeiro Sábado e erigindo um substituto falsificado em seu lugar. E não entendemos, nem pela profecia nem pela história, que aquelas pessoas a quem Abubekr ordenou a seus seguidores que não molestassem estivessem na posse do selo de Deus, ou necessariamente constituíssem o povo de Deus. Quem eram, e por que razão foram poupados, o exíguo testemunho de Gibbon não nos informa, e não temos outros meios de saber; mas temos todas as razões para crer que nenhum daqueles que tinham o selo de Deus foi molestado, ao passo que outra classe, que enfaticamente não o tinha, foi passada ao fio da espada; e assim as especificações da profecia são amplamente cumpridas. Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 500-502.

Abubakar consolidou os seguidores de Mohammed em um califado após a morte de Mohammed; assim, embora sejam duas figuras históricas diferentes, tomados em conjunto representam o início do testemunho do Islã do primeiro ai, e a figura histórica que marca a história do primeiro ai é Mohammed.

No início da história do segundo ai, Maomé II conquistou Constantinopla em 1453. Em 1449, quatro anjos, representando o Islã, foram soltos. O início e o fim do primeiro ai são marcados por um Maomé, o primeiro e o segundo, respectivamente. Profeticamente, o início e o fim da história do primeiro ai trazem a assinatura de Alfa e Ômega.

O início do segundo ai inclui uma profecia de tempo acerca de quatro anjos, que representam o Islã, os quais então foram soltos e depois contidos em 11 de agosto de 1840. A partir desse ponto até 22 de outubro de 1844, o selamento dos cento e quarenta e quatro mil é ilustrado. O início do segundo ai identifica a liberação do Islã, e o fim marca a contenção do Islã. Tanto o primeiro quanto o segundo ai têm marcadores proféticos precisos que ligam seus inícios aos seus fins.

Os dois primeiros ais devem ser colocados um sobre o outro, "linha sobre linha", a fim de identificar o terceiro ai. Uma das características proféticas identificadas pelas duas primeiras testemunhas do Islã é que elas representam um período específico de tempo que marca o início e o fim com a assinatura de Alfa e Ômega. Elas também possuem uma assinatura secundária, pois o início do primeiro ai identifica o selamento do povo de Deus, e o término do segundo ai também identifica o selamento do povo de Deus.

O terceiro ai sobreveio quando o islamismo atacou, súbita e inesperadamente, a besta da terra de Apocalipse 13, dando início ao período do selamento. O selamento dos cento e quarenta e quatro mil termina na iminente lei dominical e, em resposta a essa apostasia, a apostasia nacional é seguida por ruína nacional. Como tipificado com a Roma pagã e a Roma papal, a ruína nacional é realizada pelos juízos das trombetas de Deus. Os três ais também são trombetas. O islamismo do terceiro ai voltará a golpear, súbita e inesperadamente, por ocasião da iminente lei dominical nos Estados Unidos, quando terminar o período do selamento dos cento e quarenta e quatro mil. Esse período foi tipificado pelo período inicial do primeiro ai e também pelo período final do segundo

ai.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

E Sara viu o filho de Agar, a egípcia, que ela dera a Abraão, zombando. Pelo que disse a Abraão: Lança fora esta serva e seu filho, pois o filho desta serva não herdará com o meu filho, com Isaque. E isso foi muito penoso aos olhos de Abraão por causa de seu filho. E Deus disse a Abraão: Não te seja isso penoso por causa do menino e por causa da tua serva; em tudo o que Sara te disser, dá ouvidos à sua voz; porque em Isaque será chamada a tua descendência. Também do filho da serva farei uma nação, porquanto ele é tua descendência. Então Abraão levantou-se de madrugada, tomou pão e um odre de água e deu-os a Agar; pôs o odre sobre o ombro dela, entregou-lhe também o menino e despediu-a. Ela partiu e andou errante pelo deserto de Berseba. Tendo-se acabado a água do odre, deitou o menino debaixo de um dos arbustos. E foi assentar-se defronte dele, a boa distância, como a de um tiro de arco; pois dizia: Que eu não veja a morte do menino. E, sentando-se defronte dele, levantou a voz e chorou. E Deus ouviu a voz do menino; e o anjo de Deus chamou Agar do céu e lhe disse: Que tens, Agar? Não temas, porque Deus ouviu a voz do menino no lugar onde estás. Levanta-te, ergue o menino e sustenta-o com a tua mão; porque dele farei uma grande nação. Então Deus abriu-lhe os olhos, e ela viu um poço de água; foi, encheu o odre de água e deu de beber ao menino. E Deus esteve com o menino; ele cresceu, habitou no deserto e tornou-se flecheiro. Gênesis 21:9-20.